

## A Sociedade do Macho e a violência contra as mulheres.

### Introdução.

Procuramos neste livro fazer uma análise psicológica do homem como o agente agressor da mulher, e uma análise da sociedade, agente criadora deste agressor. Mostraremos aqui que a sociedade cria os seus próprios monstros e agressores. Entretanto, não nos limitaremos a apenas apontar o problema, mas, principalmente, apontar soluções viáveis que possam ser aplicadas em um curto espaço de tempo.

Este livro não pretende esgotar o assunto da violência doméstica, mas temos a coragem em afirmar que existem poucos trabalhos quanto às conclusões e análises aqui percebidas de um problema tão complexo quanto à própria natureza humana. Uma vez que o autor se propõe a traçar um perfil psicológico do agressor e da sociedade que o cria, necessário se fez um aprofundamento no tema.

Ao analisar o homem, vital se fez que se analisasse também a mulher. E ao analisar a sociedade, também vital se fez que investigássemos os conceitos machistas e possessivos do homem social contra a mulher.

É inconcebível que, no século XXI, quando o homem realiza seus primeiros passos rumo à conquista do espaço sideral, domina uma tecnologia antes inimaginável e conhece o genoma humano, as

mulheres ainda sejam agredidas e, muitas vezes, mortas.

Nos próximos capítulos traremos novos temas e números assustadores. A cada capítulo, iremos formando um corpo psicológico até chegarmos à solução do problema. Solução esta que é bem mais simples do que parece.

## Dedicatória

A todas as mulheres que se recusam a aceitar  
o tratamento machista imposto pela nossa  
sociedade. E a todos os homens que compreendem  
esta verdade.

## Capítulo I

### Alguns números e estatísticas.

No Brasil, a cada 2 minutos, 5 mulheres são espancadas! São 3.600 por dia! 108.000 por mês! 1.300.000 por ano!

Entre 1980 e 2010, foram assassinadas 91.932 mulheres.

Brasil é o 7º país no mundo em mulheres assassinadas.

Mapa da Violência 2012 - Instituto Sangari (abril de 2012)

De 1980 a 2010, foram assassinadas no país perto de 91 mil mulheres no Brasil, 43,5 mil só na última década. O número de mortes nesses 30 anos passou de 1.353 para 4.297, o que representa um aumento de 217,6% - mais que triplicando - nos quantitativos de mulheres vítimas de assassinato.

De 1996 a 2010 as taxas de assassinatos de mulheres permanecem estabilizadas em torno de 4,5 homicídios para cada 100 mil mulheres. Espírito Santo, com sua taxa de 9,4 homicídios em cada 100 mil mulheres, mais que duplica a média nacional e quase quadruplica a taxa do Piauí, estado que apresenta o menor índice do país.

Entre os homens, só 14,7% dos incidentes aconteceram na residência ou habitação. Já entre as mulheres, essa proporção eleva-se para 40%.

Duas em cada três pessoas atendidas no SUS em razão de violência doméstica ou sexual são mulheres; em 51,6% dos atendimentos foi registrada reincidência no exercício da violência contra a mulher.

Seis em cada 10 brasileiros conhecem alguma mulher que foi vítima de violência doméstica.

- Machismo (46%) e alcoolismo (31%) são apontados como principais fatores que contribuem para a violência.

- 94% conhecem a Lei Maria da Penha, mas apenas 13% sabem seu conteúdo. A maioria das pessoas (60%) pensa que, ao ser denunciado, o agressor vai preso.

- 52% acham que juizes e policiais desqualificam o problema.

Esses são alguns dos achados da Pesquisa Percepções sobre a Violência Doméstica contra a Mulher no Brasil, realizada pelo Instituto Avon / Ipsos entre 31 de janeiro a 10 de fevereiro de 2011.

91% dos homens dizem considerar que "bater em mulher é errado em qualquer situação".

- Uma em cada cinco mulheres consideram já ter sofrido alguma vez "algum tipo de violência de parte de algum homem, conhecido ou desconhecido".

- O parceiro (marido ou namorado) é o responsável por mais 80% dos casos reportados.

- Cerca de seis em cada sete mulheres (84%) e homens (85%) já ouviram falar da Lei Maria da Penha e cerca de quatro em cada cinco (78% e 80% respectivamente) têm uma percepção positiva da mesma.

A Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Públicos e Privados foi realizada em 2010 pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC.

O medo continua sendo a razão principal (68%) para evitar a denúncia dos agressores. Em

66% dos casos, os responsáveis pelas agressões foram os maridos ou companheiros.

- 66% das brasileiras acham que a violência doméstica e familiar contra as mulheres aumentou, mas 60% acreditam que a proteção contra este tipo de agressão melhorou após a criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006)

Realizado em 2011, o levantamento indica que o conhecimento sobre a Lei Maria da Penha cresceu nos últimos dois anos: 98% disseram já ter ouvido falar na lei, contra 83% em 2009.

#### Serviços de Atendimento à Mulher disponíveis no país:

O Brasil tem mais de 5.500 municípios e apenas: 190 Centros de Referência (atenção social, psicológica e orientação jurídica)

72 Casas Abrigo

466 Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher

93 Juizados Especializados e Varas adaptadas

57 Defensorias Especializadas

21 Promotorias Especializadas

12 Serviços de Responsabilização e Educação do Agressor

21 Promotorias/Núcleos de Gênero no Ministério Público

Fonte: Secretaria de Políticas para as Mulheres

No Brasil, segundo dados oficiais do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), aproximadamente duas em cada três pessoas socorridas pelo SUS são mulheres. Só em 2011, o sistema notificou 73.633 atendimentos.

Esses e outros dados estão no "Mapa da violência 2012 - homicídios de mulheres no Brasil", publicado pelo Instituto Sangari em parceria com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

O documento é um dos estudos que estão subsidiando a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) mista que investiga a violência contra a mulher. E está percorrendo o país para levantar dados sobre o flagelo feminino.

Segundo o Mapa, "houve um aumento de 217,6% no número de mulheres assassinadas no país em 30 anos, saltando de 1.353 mortes em 1980 para 4.297, em 2010", divulgou a Agência Senado, que também realiza pesquisas sobre o assunto.

O número de mortes violentas registradas aponta que entre 1980 e 2010 91 mil mulheres foram assassinadas no Brasil. A maioria delas dentro da própria casa e tinham entre 15 e 39 anos.

Isso porque, em 86,2% dos casos, o assassino é alguém da família ou próximo a ela. Daí que, cerca de 68% dos homicídios, ocorrem na residência da vítima.

Mas a execução de mulheres em locais públicos não é exclusividade do Afeganistão dos muçulmanos. Quem não se lembra do vídeo gravado pela câmera de segurança do salão de beleza que flagrou a morte de uma mulher pelo ex-marido com oito tiros à queima roupa? Isso aconteceu em 2010, no estado de Minas Gerais. No Brasil.

Apenas na Paraíba, em 2012, 70 mulheres foram mortas.

Entre 84 nações, o 7º mais violento para as mulheres.

São esses números que colocam o Brasil como o sétimo mais perigoso para as mulheres, entre 84 nações. São cerca de 4,5 mortes para cada 100 mil mulheres, avaliou a Organização Mundial de Saúde (OMS), no começo deste ano. O índice deixa o País atrás apenas de El Salvador (10,3), Trinidad e Tobago (7,9), Guatemala (7,9), Rússia (7,1), Colômbia (6,2) e Belize (4,6). E olha que nem se falou em estupro e outras violências diversas.

O instituto de pesquisa do Senado também tem números sobre o problema. A cada cinco mulheres entrevistadas pelo Data Senado em 2010, uma declarou já ter sofrido algum tipo de violência doméstica e familiar.

Quando foram questionadas sobre "pedir ajuda contra as agressões", apenas 36% disseram ter procurado ajuda na primeira agressão; 29% confessaram não ter procurado ajuda; 24% pediram ajuda após a terceira agressão, 5% na segunda; e 5% não responderam.

É importante destacar que todos esses índices e números são casos que puderam ser registrados de alguma maneira. Mas quantos casos de violência não são silenciados pelo medo, pela dependência econômica, pela falta de confiança nos poderes públicos?

O reduzido número de mulheres que buscaram ajuda confirma isso. Confirma também que a Lei Maria da Penha não foi suficiente para mudar essa realidade, que só pode ser alterada pela intensa atividade e luta das mulheres.

Diante de tudo isso não há dúvidas de que essa realidade de violência se mantém porque é tolerada e até mesmo justificada. Isso mostra que a situação da mulher no Afeganistão, controlado pelo Talebã, ou pelos EUA, ou no Brasil, não é muito diferente. E que apenas a luta da mulher por direitos, independência econômica, participação política e poder pode tirá-la dessa condição de propriedade de homem e do Estado. Seja ele de que religião for.

Um número também absurdo: O Brasil tem mais de trinta leis ambientais federais e mais de seiscentas leis ambientais estaduais. A Constituição Federal vigente, de 1988, tem um capítulo inteiro dedicado apenas ao meio ambiente. Entretanto, as mulheres têm apenas uma lei que as protegem. Repetimos, apenas uma lei. Isto nos faz imaginar que uma árvore tem mais direitos do que as nossas mulheres brasileiras. Enquanto uma árvore valer mais que uma mulher no Brasil, a violência se perpetuará.

Denúncias de violência doméstica contra mulher crescem 112% em 2010

O serviço de denúncia, o número 180, específico para receber queixas de violência doméstica contra a mulher, registrou alta de 112% de janeiro a julho deste ano na comparação com o mesmo período do ano passado, de acordo com dados divulgados nesta terça-feira (3) pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, que criou a central em 2005.

Os custos dessa violência para o governo e para a sociedade em geral.

Além de ir contra os Direitos Humanos, o Código Civil e a Constituição do país, as agressões contra as mulheres e crianças prejudicam o desenvolvimento socioeconômico. Segundo o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento, cerca de 2% do PIB são gastos com saúde, segurança, perdas materiais e mortes.

Na esfera individual, as mulheres abusadas e violentadas, acabam perdendo dias de trabalho e, conseqüentemente, correm mais riscos de serem demitidas. O que gera um ciclo vicioso de dependência financeira do marido e da agressão.

No Brasil, cerca de quarenta mulheres são assassinadas pelos seus companheiros, por ano.

Se os números assustam, os capítulos seguintes os farão ainda mais, pois os resultados das análises dos perfis do macho e da sua sociedade demonstram que o problema é uma verdadeira praga social que precisa ser combatida. Um flagelo que desumaniza a espécie humana. Que situa o homem como o macho da mais baixa e vil cadeia animal e entre o mais inferior dos seres quando o assunto é o respeito à mulher.

## A sociedade do macho.

"Todas as sociedades são machistas, sem exceção." Muitas vezes incorremos em erro ao generalizar nossas afirmações, mas tal afirmação é contundentemente verdadeira. Mas, por quê? Pelo simples fato de que são os homens que estão e sempre estiveram no poder, e tais homens, na sua grande maioria, são machistas. Muitos destes homens, em nome do que se chama hoje em dia "politicamente correto" ou da simples hipocrisia, não admitem publicamente seu machismo. Para compreendermos mais sobre o tema, necessário se faz que se conceitue o verbete. Machismo, portanto, é a falsa crença de que os homens são superiores às mulheres.

O mundo já descobriu que esta crença é falsa por completo. Homens e mulheres podem tanto quanto o outro, mas se é assim, por que ainda predomina o machismo no mundo? Já vimos a resposta: o mundo é dominado por homens, sendo assim, nada mais surpreendente que a sociedade do macho continue a existir. Porém, é verdade que esta sociedade do macho tem sofrido sérios reverses no decorrer das últimas décadas, onde a mulher, quebrando conceitos errôneos e superando toda sorte de obstáculos, vem conseguindo mostrar que a sua capacidade se iguala à do homem.

Entretanto, ainda é o homem, o macho, que domina os poderes do mundo. A mulher ainda tem buscado seu merecido espaço na sociedade e não temos dúvidas que o obterá, mas ainda há muito a ser conquistado.

Mas, o que fez com o que o homem tivesse o total controle do mundo, se somos todos iguais em

capacidades? Por que a mulher foi colocada em segundo plano nos rumos das sociedades? Responderemos esta pergunta, explicando que a raiz do problema está na origem da nossa espécie, há milhares de anos, quando ainda vivíamos em cavernas. É de conhecimento histórico que os homens, por sua força física e inteligência que, embora ainda não estivessem bem desenvolvidas, eram superiores à dos outros animais e, por isso, logo os nossos ancestrais dominaram o meio ambiente em que viviam. Ali predominava a força física e, no tocante à musculatura, o homem tem uma certa vantagem sobre as mulheres, mas apenas neste único aspecto. Contudo, tal vantagem física fez uma enorme diferença em tempos onde a força física era a única existente, pois a intelectualidade humana ainda era menos que um germe latente, perdendo até mesmo para o instinto. Dessa forma, o instinto animal, combinado com a força dos músculos, fez o macho primitivo manter a mulher como sua fêmea e, em um processo de uma verdadeira lavagem cerebral, a mulher foi aceitando o seu destino.

Os tempos mudaram. A força física não se faz mais tão necessária em um mundo onde, em tese, predomina a intelectualidade. E é neste primeiro momento de transição que a mulher percebe que não é um ser inferior, nem muito menos a fêmea de um macho. Na aurora da hegemonia da inteligência, a mulher descobriu que ela também pode fazer o mesmo que os homens. Porém, os fortes resquícios do domínio da força ainda mantém a mulher longe do seu merecido espaço. O homem conquistou o poder e, por um egoísmo de um ser ainda inferior, não quer permitir que a mulher obtenha o que é dela por direito. Direito este proporcionado pelo domínio da inteligência, em detrimento da força.

Não foram leis materiais que deram-lhe tal direito, mas uma lei biológica chamada de evolução. E foi esta evolução que nos fez sair das cavernas e locomovermos sobre dois pés. A inteligência nos evoluiu. Aliás, a espécie humana foi a única que teve tal evolução. Nenhum outro ser atingiu tal magnitude de evolução. Hoje o ser humano domina toda a natureza. Os animais, que antes caçavam os homens, hoje os temem. Contudo, a evolução intelectual não acompanhou a evolução moral.

Ainda somos seres moralmente inferiores. O homem ainda mata e violenta. Ainda destrói e massacra. Ainda mente e engana. Ainda trai e dissimula. Ainda rouba e saqueia. E ainda pensa que a mulher lhe é inferior. Vivemos em uma sociedade doente. Uma sociedade egoísta, que ignora a dor alheia. Uma sociedade que resolve seus problemas pelas guerras e mortes, portanto, pela violência.

Se analisarmos os estágios pelos quais passou esta sociedade, concluímos que vivemos um estágio intermediário entre o bem e o mal, entre o primitivo e o civilizado. Sabe-se que, embora existam muitos problemas e muitas doenças sociais no mundo moderno, jamais existiram tantas consciências trabalhando para o bem quanto agora. Enquanto muitos pensam em destruir, existem aquelas consciências que trabalham para o bem estar desta sociedade. Este estágio intermediário do homem, esta transição entre o primitivo e o verdadeiramente humano já começou. E é aí que a mulher desempenhará um papel muito importante na reconstrução desta sociedade e deste novo mundo.

O progresso pode apenas ser temporariamente interrompido, mas jamais evitado. E isto é um fato incontestável.

O macho perde, lentamente, o seu domínio, pois a força física nada pode contra a inteligência, contudo, a mulher, muitas vezes, continua uma vítima fácil do homem, o que nos faz concluir que muito ainda deverá ser construído, mas principalmente nas mentes dos homens que insistem em se achar superiores.

Sim, houve um longo momento histórico onde o macho moldou a sua própria sociedade. A sociedade da força física foi um mal necessário, pois o mundo de outrora era um mundo selvagem e hostil. Entretanto, mesmo com a evolução da sua inteligência, o macho ainda tenta manter esta sociedade viva, sem saber que ela encontra-se no fim. A sociedade não existe, como a imaginamos. Ela nada mais é que um conjunto de todos os seres humanos que a compõem. A sociedade, como entidade, é uma ficção, pois as entidades não têm vida própria. A mulher não é uma posse ou um objeto desta sociedade. Ela é um ser livre e tão capaz quanto o homem.

### Capítulo III

Como o macho é moldado.

Saibamos, antes de tudo, que as sociedades não geram homens pacíficos, geram, antes de tudo, machos violentos. E estudar esta violência é estudar o ser humano, o agente agressor e a sociedade. Do contrário, ficaremos eternamente criando leis que não resolverão o problema.

A sociedade do macho, que mencionamos no capítulo II, forma machos e não homens. É importante que não se confunda o macho com o homem. O macho é aquele que pensa que é um pênis sobre pernas. O macho acha que seu poder vem do pênis e dos músculos. Ele acha que deve copular o máximo de vezes com muitas fêmeas para ser um macho.

Na sua visão machista e tacanha, a mulher é apenas uma fêmea. E quando seu aparelho sexual se esgota em suas energias, ele morre em auto estima, afinal, seu pênis já não é mais como antes. E a sociedade é a criadora deste macho. A sociedade molda machos e não homens. Já o homem é o macho evoluído, que percebe que não é um pênis. O homem sabe que ele é corpo e mente e que seu pênis tem funções meramente biológicas, não o tornando superior às mulheres por causa disso. O homem é muito mais que corpo. É um ser que evoluiu e se civilizou. Ele não é um animal que tem a função de copular com as fêmeas. Ele conhece os verdadeiros valores sociais de fraternidade, respeito e igualdade entre os sexos.

Mas vejamos como a sociedade molda o macho.

Ao nascer, a educação do macho já começa pelos elogios ao tamanho do pênis da criança, e o nascimento de um filho homem, geralmente, é muito mais comemorado do que o de uma filha, e isto é um fato. A criança cresce sob os falsos estímulos de que seu pênis tem algo de especial. Mesmo ele não compreendendo o processo, ele vai se acostumando ao erro de que seu pênis é um objeto a ser admirado, de alguma forma.

Um pouco mais adiante, ele começa a ganhar os seus "brinquedinhos". A sociedade do macho, por

ser ainda agressiva, presenteia os meninos com armas de brinquedo que irão estimular agora a sua agressividade latente. Revólveres, espadas, aviões e tanques de guerra, carros de corrida, luvas de boxe, etc. E tais brinquedos têm um profundo impacto em sua mente e na formação de seu caráter e personalidade. Tais armas depositarão em seu íntimo uma forte agressividade.

Um pouco mais adiante ele é inserido em uma violência real, pois antes a sua violência era apenas imaginária, isto é, seus brinquedos de guerra e de violência, mas que causaram profundos reflexos em sua personalidade em formação. Agora a violência começa a se materializar em algo mais concreto, onde os meninos podem ser matriculados em cursos de caratê, judô ou em outros tipos de lutas que a sua família achar mais adequado.

Mais adiante, ele é inserido em atividades esportivas que estimulam o rude contato corpo a corpo durante a prática de tais esportes, e incentivando, assim, ainda mais a sua agressividade, como por exemplo, futebol, basquete, etc. Esportes estes que têm um caráter bastante agressivo.

O menino agora já é um mocinho e a sociedade o ensina que é hora de copular com as fêmeas. Nesta faixa de idade, entre 14 e 15 anos ele tem os primeiros contatos com a sua sexualidade. Uma sexualidade mal orientada pelos pais, principalmente pelo pai, o que se sente o macho alfa da matilha, pois o macho não tem família, ele tem uma matilha, sua fêmea e sua prole. O pai, então, começa a orientar seu menino a fornicar com as meninas, pois para ele, as meninas, as filhas dos outros, nada mais são que vaginas. Nesta fase ou estágio, ele tem acesso

irrestrito a toda sorte de pornografia disponível, tais como revistas, filmes e internet, mesmo sendo classificada ela como proibida para menores de dezoito anos.

Aos dezoito anos, a sociedade, por um modelo primitivo e histórico de um aparato militar característico em todas as sociedades do mundo, faz com que aquele garoto, agora já quase um homem, preste serviços ao exército. Ali ele aprenderá que conflitos se resolvem com guerras e truculência. Ele relembrará suas antigas armas de brinquedo e se sentirá bem à vontade com aquelas, agora reais, armas de matar. O curioso é que todos os países seguem este mesmo modelo da lavagem cerebral dos seus machos, desde a infância. A sociedade, neste aspecto, vive os mesmos conceitos bárbaros dos antigos gladiadores espartanos.

Pronto, o macho está quase moldado. Mas a sociedade continua a criar estímulos para que este macho se sinta no mundo que foi a ele prometido. Desta forma, ele tem acesso fácil ao sexo, pois a sociedade criou mecanismos de satisfazer sua sexualidade agora desequilibrada. A prostituição é tolerada justamente para que o macho exercite seu pênis. E a pornografia das mídias, que coloca as mulheres como meras fêmeas a serem penetradas e logo substituídas por outras, é um reflexo de um modelo de uma sociedade doente que valoriza o pênis em detrimento da mente e do espírito. Ousamos dizer que a sociedade atual é a sociedade do pênis e da violência. O mundo atual é ainda muito, muito primitivo. A sociedade atual, portanto, valoriza enormemente os sentidos. Sentidos estes estimulados pelo sexo fácil, e festas de conteúdo sexual, como o carnaval. Os sentidos nunca foram tão estimulados na história da humanidade. O álcool e o tabaco são exemplos de

dois outros tipos de estímulos legalizados e divulgados pelas mídias. Para não falar das drogas ilícitas, que triplicam os sentidos das pessoas.

A sociedade proporciona aos seus machos, todos os estímulos que os façam crer que o mundo a eles pertence. E, é claro, em uma sociedade machista, as mulheres, são um troféu a mais, como é o caso da prostituição que, para esses, elas nada mais são que fêmeas, que estão aqui para servir ao homem, digamos melhor, ao macho.

Se alguém imaginava que vivíamos em uma sociedade civilizada, chegou a hora de repensar os seus conceitos. A sociedade é um corpo doente. E as análises aqui contidas se resumem a apenas à sociedade do macho e a violência contra a mulher. Sendo a sociedade multifacetada, preferimos não nos aprofundar nos seus múltiplos aspectos, pois não analisamos a sexualidade degenerada desta sociedade e nem muito menos muitos de seus conceitos primitivos, como já dissemos anteriormente. Mesmo nos concentrando em apenas um tema, o que expusemos não esgota o assunto. Muito ainda poderia ser estudado. Quanto à sociedade, sexualmente degenerada, pretendemos publicar um livro em breve sobre tal quesito.

Uma vez que os machos evoluam e transformem-se em verdadeiros homens, eles terão que enfrentar as estruturas corroídas de uma sociedade machista. Ser homem, em um mundo de machos, não é a coisa mais fácil do mundo, pois conceitos como igualdade entre homens e mulheres violam os alicerces desta sociedade machista. Quando um verdadeiro homem se dispõe a apoiar o feminismo, que é um conceito onde homens e mulheres se igualam, ele, o homem, é, no mínimo, tido como fraco por esta sociedade, isto para

dizer o mínimo. Porém, haja vista a sua superioridade moral e intelectual frente ao macho, o homem se sobrepõe a ele, pois este último pouco mais é que um pênis e músculos.

#### Capítulo IV

##### Como a fêmea é moldada.

Anteriormente vimos como o macho é moldado. Pois bem, a mesma lavagem cerebral é feita com as meninas. Desde pequenas, ao contrário dos meninos, elas são ensinadas a esconder a sua vagina e nenhum "ritual" de admiração é feito ao seu sexo, ao contrário do pênis dos meninos, onde seus pais fazem toda a questão de mostrá-lo aos amigos, sem, é claro, deixar de observar que o pênis do menino é de tamanho considerável.

Vimos que os meninos ganham brinquedos que despertarão sua agressividade. As meninas, no entanto..., ganham brinquedos que despertarão seu lado materno, sua docilidade, subserviência e resignação quanto à sua condição de fêmea. E aqui vale uma explicação. Dizemos fêmea, e não mulher, porque a sociedade não faz mulheres, faz fêmeas. Assim como o macho, que abandona seus errôneos conceitos, ensinados de superioridade e se faz, desta forma, um verdadeiro homem, a fêmea, um dia abandonará seus errôneos conceitos ensinados de inferioridade e dependência e se fará mulher. A mulher não se vê como uma fêmea. A mulher se percebe como um ser de valores e capacidades iguais aos dos homens.

Os brinquedos femininos são bonecas, que despertarão seu instinto materno desde jovem.

Casinhas de brinquedo, que lhes incutirão a falsa ideia de que devem as meninas cuidar dos afazeres domésticos. Um fogãozinho de brinquedo, que lhes incutirá a ideia de que devem gostar de cozinhar. Roupinhas de bonecas, onde elas deverão aprender e a gostar de costurar. Enfim, todos os brinquedos, sejam eles masculinos ou femininos, servem a um propósito específico. Uma verdadeira lavagem cerebral articulada pela sociedade do macho.

As brincadeiras de meninas, muito diferentemente das dos meninos, têm um caráter disciplinador, onde elas aprendem que meninas não podem fazer isso ou aquilo, ao contrário dos meninos, que podem tudo.

Existem brincadeiras de meninas chamadas de "brincar de casinha" onde as meninas devem simular uma situação doméstica onde elas convidam um menino que servirá de "marido". Neste ritual, conhecido por quase todos, a menina serve comidinha a ele e ainda lhe dá um beijinho, quando ele vai embora. Claro que não existe uma maldade, propriamente falando, neste jogo, mas existe uma forma cruel de doutrinar a menina a servir o "maridinho" e ainda agradá-lo com um beijo.

E quem jamais não brincou de médico com uma menina? Esta brincadeira tem um caráter sexual, sim, onde ambos, menina e menino, se tocam e se conhecem fisicamente. Existem muitas outras "brincadeiras" doutrinadoras que não precisamos mencionar aqui, mas que são de conhecimento de quase todos.

Então, desta forma, começa-se a moldar a "fêmea" e a se sufocar a mulher. A fêmea cresce se sentindo uma vagina, seios e nádegas, como quer a sociedade machista. Ela foi preparada a vida toda para o papel de mãe, amante e empregada do marido.

Muitas não aceitam mais este papel. Nos dias atuais, homens e mulheres dividem-se nos afazeres domésticos. Homens ajudam em casa, lavam, cozinham e podem cuidar dos filhos.

Os antigos modelos machistas de que os trabalhos domésticos eram exclusivos das mulheres vêm caindo por terra rapidamente. Homens e mulheres têm que se ajudar, pois um não é empregado do outro. Este modelo cruel de escravizar as mulheres na cozinha, foi-lhes colocado lá na sua infância, quando elas ganhavam casinhas e fogõezinhos como brinquedos que tinham a função de lhes fazer crer que aquilo era coisa de meninas mesmo. São os chamados "brinquedos e brincadeiras doutrinadores".

Os tempos mudam e com eles os antigos valores se vão e novos vêm substituí-los. Não queremos dizer aqui que as mulheres se revoltam contra os afazeres do lar, ao contrário. Elas precisam saber que agora os homens também podem e devem ajudar, pois os trabalhos domésticos têm que ser feito por ambos.

A mulher ocupa hoje, postos de trabalhos tidos antes como exclusivos dos homens, mas ainda existem as fêmeas que se acomodaram em seus papéis de "vaginas para os machos".

A fêmea se distingue da mulher em tudo. A começar pelas roupas sensuais, que a embalam para presente e apreciação dos machos. Esta "embalagem" de poucos tecidos revela a fêmea que aceitou os ensinamentos da sociedade do macho. Revela a fêmea que se sente apenas uma vagina, seios e nádegas. Roupas minúsculas identificam e diferenciam a fêmea de uma mulher. A mulher não se expõe desta forma em público. Ela se preserva.

A fêmea se revela também pelo caminhado, muito requebrado e provocante. Ela se sente carne e age como tal. Já a mulher não precisa de tais vulgares artifícios; a fêmea, sim. A mulher é feminina, mas sem ser vulgar, como a fêmea o é. A mulher caminha com delicadeza e sobriedade. Ela é sóbria em tudo. No modo de vestir e de andar.

Existem muitas outras maneiras de se diferenciar uma fêmea de uma mulher. Por exemplo, a fêmea usa até a voz, com sensualidade e afetação. Ao passo que a mulher fala com naturalidade e feminilidade. Enfim, em tudo a fêmea se distingue, negativamente, da mulher. E são estas fêmeas que fazem os machos generalizarem e acharem que as mulheres são todas iguais no sentido que lhes foi ensinado na infância, isto é, que existem apenas fêmeas.

As meninas aprendem, desde cedo, que os meninos podem tudo; elas, porém, nem tudo.

Porém, assim como não há muito tempo de sobrevida para a cultura do macho, pois ele, o macho, assim como os dinossauros, está condenado à extinção, e a fêmea também está condenada a desaparecer. O mundo, em breve, não terá mais espaço para machos e fêmeas. Apenas homens e mulheres serão os senhores dos destinos deste planeta. Viverão em respeito e mútua consideração, sabendo que um jamais foi e jamais será melhor o outro.

## Capítulo V

### As doenças do machismo e da posse.

Ainda naquele longo processo de lavagem cerebral, feito em meninos e meninas, é ensinado ao homem que a mulher, uma vez a ele comprometida, é uma posse sua. Até no momento do casamento, a Igreja não diz "eu os declaro marido e esposa". A Igreja diz "eu os declaro marido e *mulher*". Mas por quê? Não seria muito mais coerente dizer marido e esposa, do que marido e mulher? Há algo no mínimo machista aí que nos faz pensar. Sabemos que a Igreja é machista e veremos isso em um capítulo mais adiante, mas por que ainda não se pensou nisso? Por que as mulheres aceitam algumas imposições sem questionar e reclamar?

E a coisa não para por aí. Na continuidade da vida a dois, o marido apresenta o seu cônjuge a todos como SUA MULHER e não como sua esposa. A posse está evidenciada, mas por ser algo de uso milenar, parece-nos que as mulheres não querem se dar conta disso. Reparem que quando a mulher apresenta seu cônjuge ou se refere a ele, ela não diz "este é o meu homem". Ela diz "este é o meu marido". Perceberam o contrassenso machista e possessivo?

O macho aprende, erroneamente, que a fêmea é sua propriedade. Ela não pode abandoná-lo ou amar outro homem, mas ele aprendeu que o homem pode trair e ter amantes, pois quem nunca ouviu aquela famosa frase do "eu sou é macho" várias vezes na vida? Ora, a frase do "eu sou é macho" parece dar ao macho totais direitos sobre a "sua mulher". Ele acredita que pode dela fazer o uso que quiser.

A doença do machismo gera uma outra, que é a da posse. O macho não compreende que a "sua mulher" não é sua propriedade. Ela é livre para ficar ou ir embora.

Temos assistido, nos telejornais e lido em revistas e jornais, sobre muitos casos de machos que matam ou agridem suas companheiras pelo simples fato delas quererem romper a relação. Estes machos não sabem que ninguém pertence a ninguém, pois a sociedade ensinou-lhe que a mulher é sua coisa. Afinal, foi isso que ele aprendeu desde muito jovem.

Analisando a violência contra a mulher, percebemos que ela não é restrita ao gênero feminino. O agente agressor, o macho, é violento com os próprios homens. A mulher é apenas o elo mais vulnerável desta corrente. A violência deste macho é aplicável em praticamente todas as situações de sua vida, pois suas armas de brinquedo e sua educação machista fizeram-no ser assim. Ele tanto pode bater nos filhos, na esposa, como pode bater em um colega de trabalho, em um vizinho, em um estranho em uma discussão no trânsito ou enquanto joga futebol com os conhecidos e amigos num fim de semana. Digamos que a natureza do escorpião seja a de picar, indiscriminadamente. Pois bem, a natureza do macho, que lhe foi transmitida, também é a de ser agressivo, indiscriminadamente, como o escorpião. E ele não vai parar, mesmo que a vítima seja a sua mulher. É claro que isso não justifica a sua atitude agressiva. De forma alguma tal desvairada e irracional conduta, o isenta de punições. O homem não é um animal. Toda agressividade humana pode ser controlada. Não somos *pitbulls* adestrados para sermos maus. Até esta raça de cães, se bem educada, torna-se amável.

Sendo assim, por que um homem, dito ser racional, não poderia ser humanizado, se até as bestas feras o podem? Não temos visto casos de leões que, criados desde filhotes, com amabilidade e respeito, manifestaram um temperamento sociável e afável? Homens, não sois, por ventura, melhores que leões e *pitbulls*? Não têm vós um quê de sobrenaturalmente divino? Se até as feras podem se comportar melhores do que vós, por que não tomam-nas como exemplo? Será que os animais irracionais têm que vos ensinar lições de como tratarem-se uns aos outros?

A sociedade já possui muitas doenças. Na verdade, a sociedade está doente, mas em tempos modernos, ao agirmos piores que monstros, nos faz pensar que já é mais do que o momento de uma ação contundente sobre a violência praticada contra a mulher.

Quando árvores, para serem protegidas, têm centenas de leis a seu favor, dezenas de tratados internacionais, e são realizados congressos anuais internacionais sobre a temática meio ambiente, a mulher tem apenas uma lei, a chamada lei Maria da Penha. Percebemos que os nossos valores sociais estão totalmente desvirtuados. Não que o meio ambiente não precise ser protegido, mas se fizermos uma comparação entre as mais de seiscentas leis existentes, que protegem as árvores e uma única lei que "protege" ou deveria proteger as mulheres, vemos que, na sociedade do macho, uma árvore tem mais valor que uma mulher. Se isso não for um sintoma do quão doente está a nossa sociedade, então, é o quê?

Você, mulher, saiba que esta sociedade na qual você nasceu, seja aqui no Brasil ou na Europa, preocupa-se muito mais em salvar um

coqueiro e uma arara do que lhe proteger. Sabemos que, a princípio, tal comparação parece radical, mas aos poucos você perceberá que não existe exagero algum. Você, mulher, sabia que, se um homem lhe der uma surra, ele pode responder ao processo em liberdade? E que se ele matar uma arara, e for capturado em flagrante, o crime é inafiançável e ele ficará preso? Se ele agredir ou matar uma mulher, dependendo da situação, ele responderá em liberdade, mas se matar uma arara, será preso e responderá ao processo atrás das grades. Então, existe ou não existe algo muito errado em nossa sociedade?

Existe um ditado extremamente machista que diz: "Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". Este, talvez, seja um dos mais machistas adágios populares. Aqui, com este ditado, a sociedade tenta, com relativo sucesso, fazer com o que os vizinhos da mulher agredida não punam, não se intrometam e nem denunciem o macho agressor. Afinal, os vizinhos também têm suas mulheres e amanhã poderão ser eles que agredirão suas companheiras. Este adágio nada mais é do que um pacto entre os machos, onde eles combinaram que cada um pode bater em suas mulheres e os outros machos não interferirão, punindo ou parando o agressor. É o macho dizendo: "Me deixe bater em "minha mulher" que não farei nada quando for a sua vez de agredir a "sua mulher". Este ditado, verdadeira aberração ética, foi criado por um macho, pois uma mulher jamais criaria uma monstruosidade tão evidentemente masculina quanto esta.

A maior doença social é, sem dúvida, o egoísmo humano. Se não fosse o homem tão egoísta e dividisse as sobras de sua despensa com os pobres, não existiria fome no mundo. E isso já foi

cientificamente provado, isto é, se as sobras das cozinhas daqueles que são ricos ou daqueles que têm um pouco mais, fossem distribuídas, a fome seria erradicada do mundo. Sabemos que toneladas de comida vão para o lixo ou são desperdiçadas todos os dias. Mas existe um egoísmo que vai além das sobras de comidas das casas dos mais abastados. Nos referimos ao egoísmo moral, onde o homem, em nome de não se envolver em uma briga de casal, se cala e finge que nada ouve. Ele ouve os gritos da mulher agredida, vê seu sofrimento, mas não se envolve, em nome da sua própria comodidade e de adágios do tipo que não se mete a colher em briga de marido e mulher.

"Mulher gosta é de apanhar", já diz um outro ditado, uma outra aberração machista. Mais ditados vão se somando e criado um corpo disforme e monstruoso, que pretende perpetuar a violência contra a mulher e manter o macho no controle. Frases dos tipos: a- "mulher minha tem que me respeitar, senão..."; b- "na minha casa mando eu"; c- "minha honra eu lavo com sangue"; d- "se eu pegar minha mulher com outro, eu mato os dois e sumo no mundo"; e- "mulher foi feita para cuidar da casa, dos filhos e do marido"; f- "deixa ele bater nela, mulher de malandro tem que apanhar" e f- "ela apanha porque gosta, senão já teria ido embora de casa". Enfim, a lista de frases é inumerável e mereceria um capítulo à parte, intitulado, frases machistas abomináveis.

Dizem que se uma mentira for repetida mil vezes, o povo tende a aceitá-la como verdade. E isto é o que se propõem tais ditados populares e frases machistas. A sociedade conseguiu inserir seus conceitos toscos e machistas de tal forma, que tais frases fazem parte do vocabulário do dia a dia dos machos.

Se todas as doenças têm uma cura, qual seria, então, a cura para o machismo e para o caráter possessivo masculino? Ora, se a sociedade do macho foi criada com conceitos falsos e machistas, precisaríamos criar uma sociedade baseada em conceitos modernos e verdadeiros, e calcada em conceitos de igualdade e respeito mútuos. E isso teria que ser feito desde a infância. Tais soluções serão melhores apresentadas no último capítulo deste livro. Nós teríamos que fazer ou refazer o sentido inverso percorrido até aqui. Não dizemos que os machos adultos e, portanto, mortalmente corrompidos pelos loucos conceitos machistas, irão mudar sua visão, embora alguns até consigam fazê-lo. Dizemos que podemos educar as futuras gerações, de forma a fazê-las compreender um novo mundo, um mundo de homens e mulheres, não mais um mundo de machos e fêmeas. Mas isto, como já dissemos, será mais detalhado em nosso capítulo final.

## Capítulo VI

### As religiões a mulher

Algumas Igrejas evangélicas pregam em seus discursos e cultos que a mulher tem que servir ao homem. Desta forma, sem eufemismos ou respeito pela dignidade da mulher. E o pior é que muitas mulheres evangélicas se sujeitam a este tipo de escravidão nada cristã. Para ilustrar bem o fato, em um determinado dia, tivemos a oportunidade de vivenciar este fenômeno medieval, onde um casal de

evangélicos, marido e "mulher", trabalhando junto em uma loja de conserto de celulares, agia da seguinte forma: o macho não pedia à mulher que fizesse o seu trabalho. Ele ordenava, de uma forma fria e, diríamos, até prazerosa e humilhante, que ela realizasse tais tarefas. Sem precisar pedir, ele nos contou que a mulher, pelas crenças deles, tinha, segundo a Bíblia, que servir ao homem. E que este era o papel da mulher.

Embora ela concordasse com movimentos da cabeça, afirmativamente, para um bom observador não era difícil perceber o seu descontentamento em ser tratada daquela forma. Percebia-se uma "aura" de profunda infelicidade em seus olhos. Compreender os porquês daquela jovem viver aquela vida, nos faria, necessariamente, indagar-lhe sobre aquilo, o que não o fizemos, naturalmente, pois a lavagem cerebral recebida por ela, provavelmente, a deixou cega e incapaz de perceber, naquele momento, o absurdo da vida em que vivia. Quem sabe um dia ela acordará. E, a julgar pela profunda tristeza que ela demonstrava, não cremos que isso demorará muito mais.

Mas qual o respaldo bíblico, anticristão, que apoia tal absurdo? Com certeza não saiu dos lábios de Jesus, pois o Cristo amava a todos.

Vejamos o que diz o texto dito "sagrado".

Gênesis 3:16 - E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.(grifo nosso)

E mais ainda: Deuteronômio 22:13-15 - Quando um homem tomar mulher e, depois de coabitar com ela, a desprezar, e lhe imputar coisas escandalosas, e contra ela divulgar má fama, dizendo: Tomei esta

mulher, e me cheguei a ela, porém não a achei virgem; Então o pai da moça e sua mãe tomarão os sinais da virgindade da moça, e levá-los-ão aos anciãos da cidade, à porta;

E um pouco mais: Deuteronomio22:20-21 - Porém, se isto for verdadeiro, isto é, que a virgindade não se achou na moça, Então levarão a moça à porta da casa de seu pai, e os homens da sua cidade a apedrejarão, até que morra; pois fez loucura em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai; assim tirarás o mal do meio de ti.

Mais ainda: 1Coríntios11:7-9 - O homem não deve cobrir a cabeça, visto que ele é imagem e glória de Deus; mas a mulher é glória do homem. Pois o homem não se originou da mulher, mas a mulher do homem; além disso, o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem.

E parece não ter fim: 1 Coríntios14:34-35 - Permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja.

Efésios5:22-24 - Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos.

Efésios 5:33 - Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher trate o marido com todo o respeito.

Colossenses 3:18 - Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como convém a quem está no Senhor.

Enfim, os textos ditos sagrados, estão repletos de frases machistas que provam que a sociedade do macho foi construída há milhares de anos, ainda nas cavernas e se manteve até os dias de hoje.

A Igreja Católica, em um ato de machismo, não tem mulheres padres, ou bispas ou papisas. Mantém-se assim desde o começo medieval de sua história e nem sequer, nos dias de hoje, cogita a ideia de permitir mulheres ocupando tais postos. No máximo freiras, que nada mais são que empregadas do clero a fazerem o serviço doméstico. É bem verdade que, além deste trabalho dedicado, elas realizam muitas obras assistenciais e contribuem enormemente para o dito Santo nome da Igreja. Se existem santas nas Igrejas, são as freiras. Quanto ao clero, não passa de perpetuador do machismo cruel do mundo. Cúmplice das atrocidades cometidas contra as mulheres, pois ele poderia mudar o estado das coisas. Não foi a Igreja o centro do poder mundial por mais de mil anos? E o que fez ela além de perpetuar o machista "eu os declaro marido e "mulher", repetido milhões de vezes até hoje? Pelo menos, poderia a Igreja dizer " eu os declaro marido e esposa".

## Capítulo VII

### As mídias e a mulher

#### A coisificação da mulher

Falamos apenas da coisificação da mulher por uma razão simples: o homem sempre foi coisificado pela sociedade que o criou, que é, claro, aquela estudada aqui. Definamos coisificar, então: "tratar alguém como coisa". Chegamos a tal grave situação onde a sexualidade feminina tem sido explorada e destruída diariamente. A culpa não é das mulheres e, sim, das fêmeas. São as fêmeas que denigrem a reputação feminina. Quando uma fêmea se expõe nua em uma destas revistas de caráter duvidoso ou até mesmo de conteúdo erótico e pornográfico, ela está apoiando a causa machista. Ela apoia e alimenta o machismo ao destruir a imagem das mulheres. São fêmeas como essas que fazem filmes pornográficos. Filmes estes que sempre colocam as mulheres como se nada fossem além de vaginas em busca de um pênis. Em tais filmes, as mulheres, facilmente, são levadas para a cama e tratadas como prostitutas ou coisas descartáveis. Estes filmes alienam as pessoas de tal maneira que, muitas delas, passam e repetem na vida real o que viram em um destes filmes. Nunca a sexualidade foi tão deturpada quanto agora. Não há nada errado no ato sexual em si, entre duas pessoas que se amam, mas expor as entranhas de uma mulher desta forma é coisificar a mulher.

Quem nunca reparou nos comerciais de cerveja, onde mulheres usando apenas biquínis se insinuam

para os bebedores desta droga que tanto mata no mundo? Ao associar a imagem das mulheres ao álcool, a mídia quer dar a entender que as mulheres são fáceis, mas apenas para quem beber sua cerveja. Ora, se todas as marcas de cerveja exploram a nudez feminina, logo todos os bebedores de cerveja associarão esta bebida ao sexo e à mulher fácil. Existe até mesmo uma apologia ao estupro, onde recentemente uma marca de cerveja criou um personagem, um bêbado invisível que tira as roupas das mulheres e começa a tocá-las. Ao explorar a nudez feminina, a sociedade perpetua o machismo e o seu poder, transformando a mulher em uma coisa.

E nos comerciais de carros, onde as mulheres parecem se jogar dentro dos veículos, dando a falsa ideia de que quem comprar um carro conquistará muitas mulheres e que elas são, portanto, materialistas e interesseiras? Isso é explorar as mulheres, de forma machista. Quem nunca reparou que nos lançamentos de novos veículos, no salão do automóvel, em São Paulo, dezenas de moças vestidas de minúsculos biquínis ficam ao lado dos carros? E, além da conotação sexual, para que servem estas moças ali? Ora, para perpetuar a falsa ideia de que muitas mulheres são materialistas e interesseiras e que quem comprar um carro conquistará todas elas. São as conhecidas "Marias Gasolina" que quererão entrar em seus carros.

Citemos uma determinada marca de desodorante, onde quem o usa, atrai muitas mulheres para si. Aí se passa a falsa ideia de que as mulheres não têm vida própria e nem personalidade, mais se parecendo com alguns insetos que se sentem irresistivelmente atraídos por algum cheiro, de forma irracional.

Uma marca de panelas tem o seguinte *slogan*: "Uma nova geração de panelas, para uma nova geração de mulheres". Isso é uma piada machista de um extremo mau gosto porque associa a mulher às panelas. Mesmo que as panelas sejam de uma nova geração, panelas são apenas panelas e nada mais.

Havia uma marca de escadas desmontáveis e leves que tinha o seguinte lema: "tão fácil que até uma mulher pode montá-la". Este comercial dava a entender que as mulheres eram criaturas muito frágeis e dependentes dos homens, mas que com aquele produto, ATÉ uma mulher podia se virar sozinha.

Qualquer pessoa mais atenta pode perceber os conteúdos machistas em muitos comerciais na televisão e em revistas.

As mulheres poderiam protestar, pelo menos, contra estes tipos de comerciais. A cada novo anúncio publicitário machista divulgado nas mídias, mais mentes serão alienadas, passando a acreditar que as mulheres são aquilo que é vendido na televisão.

E por falar em mídia machista, ela tem sido usada com bastante eficiência no sentido de alienação de mentes. Isso contribui muito para denegrir a imagem da mulher. Ela quase sempre coloca um conteúdo sexual em comerciais onde as mulheres aparecem.

## Capítulo VIII

### Por que os machos batem nas mulheres

Vale lembrar que a colocação está correta. Apenas machos batem nas mulheres, pois os homens não as agredem. Os machos foram ensinados e domesticados para serem agressivos de forma desnecessária. O homem pode ser agressivo se as circunstâncias o obrigarem a isso, isto é, agindo em uma justa legítima defesa própria e de terceiros, mas apenas desta forma. Existem casos raros de mulheres que são agressivas a ponto de chegar a trocar socos com um homem. Neste caso, cabe ao homem se afastar e ir embora, deixando a mulher em paz, até que ela se reequilibre emocionalmente. A um homem, para se defender de um ataque feminino, basta a ele que erga um pouco os braços, na altura do seu rosto, enquanto a mulher tenta agredi-lo e vá se afastando aos poucos. Na sua vida inteira ele foi treinado em embates com outros meninos, quando criança. Na vida adulta teve, pelo menos, noções de defesa pessoal. Sem contar que os homens são, geralmente, mais altos que as mulheres e, em muitos casos, têm uma constituição muscular mais avantajada. Desta forma, injustificável se faz a um homem bater em uma mulher.

A violência justificável a qual nos referimos anteriormente não é direcionada à mulher. O homem sabe que o meio social, muitas vezes, pode ser hostil. Existem os machos que podem querer se impor por qualquer tolice, como em uma discussão, por exemplo. Neste caso, o homem pode e deve se defender de um ataque de terceiros,

se este ataque partir de um do mesmo sexo que ele, claro.

A mulher, quando se liberta da fêmea que a sociedade do macho tentou incutir-lhe, descobre-se capaz e pronta a todos os tipos de trabalhos. Ela sabe que pode buscar seu próprio sustento, sem ser dependente dos homens. Ela sabe que não é uma vagina, seios e nádegas. Assim como o homem, que sabe que não é um pênis e músculos. Então, por que os machos batem nas mulheres? Os machos batem em mulheres porque não são homens, são apenas machos, portanto. Foram educados para serem brutos e esta brutalidade, uma vez, despertada, não encontra freios, portanto, não é uma lei que mudará esta chaga social e verdadeiro flagelo da humanidade. O problema não é jurídico, é social. Um músico americano, de nome Kurt Cobain, ilustrou isto muito bem ao afirmar: " Não deveríamos criar leis para proteger as nossas mulheres da violência dos nossos homens; deveríamos, sim, educar nossos homens para que não cometam violências contra as nossas mulheres". Então, com muita simplicidade, mas muita sabedoria e propriedade, este americano deixa claro que o problema é social. Não são leis que mudarão isso. Acreditamos que os governos, ao invés de gastar milhões para criar leis, que, ao invés disso, trabalhassem mais em políticas públicas de conscientização a estas novas gerações. A raiz do problema é cultural e social. Cultural porque a cultura predominante é machista. E social porque a sociedade assimilou este machismo.

Mas a origem central é a natureza do macho, estimulada pela sociedade machista. O macho fora treinado para ser agressivo. Ele é, como já dissemos, agressivo com todos, e a mulher não escaparia desta violência. As mudanças precisarão

partir da sua origem, mas não cremos em uma transição rápida. Seria necessário que uma geração inteira transcorresse para que percebêssemos os primeiros resultados. A questão é: a sociedade que aí está, abriria espaço para esta transformação?

Façamos uma retrospectiva do caráter masculino. Ora, mesmo o homem tendo o germe da agressividade, ele nasce puro. Ele seria, se nos permitirem uma analogia simplista, uma massa de argila que pode ser moldada. Sendo assim, moldar as futuras gerações seria possível, mas como? No capítulo final teremos as respostas.

Desde crianças, os meninos são condicionados a resolverem seus problemas pelo grito ou pela força. Crescem com esta mentalidade. Na vida adulta, nada mais natural que continuem a serem agressivos.

E como a agressividade é algo irracional e animal, os machos deixam-se levar por tal instinto. Uma vez que se deixam levar pelo instinto, não escolhem em quem querem bater ou a quem querem matar. O instinto da agressividade obstrui a mente do agressor, lhe cegando os olhos para a razão. Mas o que são os homens? Animais? Não podem os homens se conscientizar, ou serem conscientizados, e trazidos de volta à sanidade? Apenas uma reeducação voltada a conscientizar os homens de que eles não precisam agir assim seria capaz de trazê-los de volta à razão. Já vimos que até leões, que são bestas selvagens, podem ser humanizados e sociabilizados. E por que não homens também?

O macho agride a mulher porque a sua sociedade o fez um ser agressivo, mas a agressividade não pôde ser canalizada ou direcionada apenas a situações de guerras com países estrangeiros. Situações de guerras estas que sempre fizeram parte da história da humanidade e que obrigaram, principalmente os homens, a serem amantes da violência e das armas. Porém, a educação para a guerra deveria ter ficado restrita a certas situações. As sociedades criaram seus monstros e eles parecem estar fora de controle quando o assunto é a violência contra a mulher.

Um ponto esclarecedor seria dizer que violência não se restringe a apenas à violência física. Existem outras formas de violência, como, por exemplo, a psicológica, quando o homem humilha e destrói a mulher em sua auto estima e respeito. A violência social, que é aquela que limita o acesso da mulher a postos de trabalhos, pelo simples fato dela ser uma mulher.

A violência na sua reputação, quando piadas machistas são propagadas em rodinhas de amigos. Violência patrimonial, quando seus bens são dilapidados. Enfim, existem muitas formas de violência. Mas a sociedade criou este modelo de violência. A questão é quanto tempo levará para que as mulheres tenham reconstruído a sua imagem. Imagem esta milenarmente destruída pelos machos.

## Capítulo IX

### A cultura do Pênis.

A finalidade de se escrever um capítulo intitulado "a cultura do pênis" é demonstrar, ainda mais, como os valores sociais são fundamentalmente machistas, a ponto de construir monumentos de louvor ao pênis, isto é, de louvor ao macho. Senão, os vejamos.

O culto ao falo (pênis) não é em específico um culto ao patriarcado. Podendo gerar diversas visões conforme a cultura local, o falo além do símbolo do homem é também o representante do desejo sexual tal como simboliza a prosperidade, fertilidade e proteção.

#### No Mundo Grego

As primeiras "imagens" do deus Hermes consistiam em montões de pedras, chamados herms, completados por uma pedra maior, que serviam como montes, mais adiante, o herm foi se transformando em um bloco quadrado, com um falo e dois testículos talhados frontalmente.

Entre as suas imagens de culto as mais comuns eram as hermas, colocadas em todas as estradas para delimitar fronteiras ou assinalar distâncias, nas entradas das casas, nas divisões de bairros e nas praças do mercado. As hermas eram pilares quadrangulares com apenas a cabeça do deus

esculpida no topo; muitas vezes aparecia também um falo, reforçando sua associação com a fertilidade e seu poder contra o mau-olhado e os espíritos malignos, uma vez que o símbolo da virilidade era também considerado protetor, estando ligado à força guerreira. Heródoto afirmou que as hermas itifálicas eram tão antigas quanto os pelasgos, o povo pré-helênico que ensinara os atenienses a esculpi-las. Pausânias disse que em Eléia a principal imagem de culto de Hermes era um pênis ereto, sobre um pedestal. As hermas também eram comuns nos ginásios, nos estádios e nos hipódromos gregos, além de serem instaladas no Circo Máximo romano. Sua sacralidade era protegida em mistérios que se tornaram parte dos Mistérios da Samotrácia. Era também um dos deuses patronos dos Mistérios de Elêusis, pois era o deus que escoltava Perséfone para o submundo, e a cada primavera a trazia para a superfície.

Devido, possivelmente por que os mastros e montes se encontrassem nas margens das fronteiras, muitos deuses fálicos se transformaram em espíritos guardiões. Ainda existem milhares destas figuras talhadas nas pedras, geralmente colocadas nos campos onde asseguram a fertilidade da colheita e atuam como divindades guardiãs que protegem os campos dos intrusos e dos maus espíritos.

### A Religiosidade e o Falo (pênis)

Todas as religiões têm conservado ao menos alguma reminiscência dos cultos fálicos. Os conquistadores e missionários, nas Américas, Ásia e Oceania, substituíram os antigos deuses locais

por figuras equivalentes de seus panteões, porém muitos deuses originais sobreviveram a essa usurpação.

Há elementos fálicos nas tradições populares referentes a árvores sagradas, e muitas homenagens sobretudo na Grã Bretanha e Países do continente Europeu. Em uma carta datada de 30 de Dezembro de 1781 Sir William Hamilton, K.B., ministro de sua majestade na Corte de Nápoles a Sir Joseph Banks, Bart., presidente da Royal Society, fala sobre similitudes entre o Catolicismo e as religiões Pagãs:

A carta fala da devoção popular a Priapus, "divindade obscena" dos antigos. As provas seriam evidentes e disponíveis a qualquer um que visitasse o British Museum. Segundo Sir Hamilton: "Mulheres e crianças, em Nápoles e vizinhanças, frequentemente usam nas roupas um tipo de amuleto, que elas imaginam ser protetor contra o mau olhado e encantamentos. Esses amuletos que têm evidente relação com o Culto de Priapus são normalmente feitos em prata, mas também de marfim, coral, âmbar, cristal e outras gemas...

Na cidade de Isernia, uma das mais antigas do Reino de Nápoles, uma festa celebra, desde 1780, o moderno Priapus, São Cosmo. Sir William chama a atenção para a "indecência da cerimônia!"

No percurso da romaria, falos símiles de cera - os votos, representando as partes masculinas e de vários tamanhos, são publicamente colocados à venda.

No cristianismo, o culto fálico sobreviveu com as figuras dos santos priápicos, quase sempre inventados. Por exemplo, São Guignole, primeiro abade de Landevenec (França), se converteu numa

figura fálica por confusão de seu nome com o verbo gignere, gerar. Sua capela se manteve até 1740. As estátuas destes santos apresentavam membros exagerados, que as vezes se ungiam e veneravam separadamente e também eram utilizados para fecundar mulheres que desejavam engravidar.

### O Culto a Priapo

O culto a Priapo, deus da fertilidade, surgiu por volta do século IV a.C., de onde se difundiu pelo mundo grego e, mais tarde, pelo romano. Ele era representado normalmente com o pênis ereto e enorme, o que lhe conferia um caráter risível.

Deus fálico, ele não tinha a mesma beleza e imponência dos olímpicos, mas ganhou popularidade, pois o consideravam protetor da fecundidade vegetal e animal. Sua imagem (como homem ou somente o falo) era colocada em jardins, dessa maneira, acreditava-se que Priapo seria capaz de afastar malefícios e maus-olhados que pudessem prejudicar a virilidade dos homens e a fertilidade do solo. Para os invasores e ladrões restava o castigo: supersticiosamente, acreditava-se que Priapo puniria com a ausência daquilo que ele representava - fertilidade e potência sexual. "Para os antigos, o desenho do falo servia como amuleto e era colocado em toda parte", disse João Angelo Oliva Neto, professor de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo (USP). Tradutor de poesia grega e romana, ele traduziu poemas anônimos sobre Priapo (priapeias) que resultou no livro Falo no Jardim: Priapeia

Grega, Priapeia Latina (Ateliê Editorial/Editora da Unicamp).

Segundo João Ângelo, diferente dos cristãos e judeus, os gregos e romanos aceitavam um deus engraçado. Assim os poetas se apropriaram do caráter risível de Priapo e fizeram dele um personagem. Esses poemas, portanto, personificam a própria natureza do deus? Zombeteiro e obsceno.

### O Culto ao Falo na Tradição Saxônica

Uma grande referência é o Mastro de Maypole, May Pole vem do Inglês e quer dizer Mastro de Maio. O May pole é um tronco que é utilizado como uma festividade popular no qual se prendem fitas coloridas e simbólicas da celebração e realizam danças em torno do mesmo (geralmente mulheres num sentido e homens no oposto), trançando assim as fitas nele. O mastro torna-se um símbolo masculino (o falo) enquanto a terra é aquela que deve ser fecundada. Durante a dança além da simbologia da mesma os seus praticantes costumam realizar os seus pedidos.

### O Culto ao Falo na Tradição Celta

A maior expressão da sexualidade encontramos na festividade de Beltane, é a comemoração dos dias quentes que chegarão, com isso teremos a demonstração do apice da vida, da sexualidade, da prosperidade.

Mas não falaremos apenas do Deus Brilhante (Belenos), mas de Dagda, um deus que possuía um tacape e um caldeirão, alguns estudiosos fazem a ligação com o próprio rito sexual, onde o tacape seria o falo, o mesmo tinha poderes de dar a vida ou a morte e o caldeirão como símbolo de prover a fartura, alimentando os nobres e honrados.

Estes são breves relatos, pois teremos um universo de cultos que dariam um livro e um campo muito amplo de pesquisa, tanto nos campos da mitologia, teologia, costumes populares quanto na arte. Sabendo do passado podemos revelar os costumes do presente e notar que um simples gesto com o dedo, pode também quando observado pelo entendimento do passado um ato não apenas de contradição, mas um ato de proteção! Para os que nos perseguem com seus atos de malevolência um simbolismo ancestral!

O texto acima, cuja fonte bibliográfica será citada, naturalmente, tem a intenção de demonstrar que o autor deste livro, Gildanny Luiz, cujo título é "A sociedade do macho e a violência contra mulher", não está inventando coisas. Vamos a um claro exemplo brasileiro de louvor ao pênis e, portanto, louvor ao macho e à sua sociedade: Brasília. Isto mesmo, a nossa capital tem como símbolo maior, o dos três poderes, um gigantesco pênis apontando para o céu. Percebam que o arquiteto apenas inverteu um dos testículos para baixo. Olhem a foto abaixo e julguem por si mesmos.



Observem que o pênis teve a glândula (cabeça) retirada, mas mantidos a base e os testículos.

O arquiteto, uma cria da sociedade machista, de forma implícita, ergueu um pênis como marco da capital federal do Brasil. E ninguém se deu conta disso?

## Capítulo X

### Políticas públicas

#### Como erradicar a violência contra a mulher

Uma rápida definição: "Políticas públicas são conjuntos de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado diretamente ou indiretamente, com a participação de entes públicos ou privados, que visam assegurar determinado direito de cidadania, de forma difusa ou para determinado seguimento social, cultural, étnico ou econômico. As políticas públicas correspondem a direitos assegurados constitucionalmente ou que se afirmam graças ao reconhecimento por parte da sociedade e/ou pelos poderes públicos enquanto novos direitos das pessoas, comunidades, coisas ou outros bens materiais ou Imateriais".

Feitas as definições necessárias, vamos ao tema. Mas antes, citemos alguns exemplos bem sucedidos de políticas públicas. A questão do meio ambiente é, com toda certeza, a mais bem sucedida da nossa história. Mas só nos anos de 1980 é que campanhas de conscientização nas escolas e nas mídias em geral foram implementadas. Menos de quinze anos depois, não havia uma criança ou jovem que não tivesse o que hoje chamamos de "consciência ambiental". Hoje todos os jovens falam em salvar o planeta e a natureza. Sabem o que é reciclagem e a sua importância para o meio ambiente. Sabem da destruição da camada de ozônio, do efeito estufa e do degelo dos polos. Sabem que o CFC, cloro flúor carbono, um gás que prejudica a camada de ozônio, contido em sprays e geladeiras, não pode ser utilizado.

Enfim, tais jovens falam com desenvoltura sobre o tema. Mas, por quê? Pela simples razão de que os governos, por anos a fio, alimentaram as mídias e os currículos escolares com o tema. Milhões foram gastos neste processo. E não foi um dinheiro jogado fora, haja vista o resultado futuro para o meio ambiente. Os jovens de hoje têm a chamada "consciência ambiental" mas por que não podem ter a "consciência do igual?". Que nada mais é que aquela que preceitua que homens e mulheres são iguais, e que homens não agridem as mulheres".

Louvável é que os governos despertem a consciência ambiental, e muitos outros tipos de consciências, mas e o problema da violência contra as mulheres? Por que não se implementam campanhas de conscientização nas escolas? Não é lá que estudam e são educados os meninos e meninas, muitos deles futuros agressores, e meninas, futuras agredidas? E relembramos aqui que a violência não se restringe apenas à física. Existem as agressões psicológicas, patrimoniais e sociais contra as mulheres.

Assim como campanhas de proteção à natureza são postas em prática, e com um grande resultado, por que, então, não se faz o mesmo nas escolas sobre o tema violência doméstica?

Relembramos algumas campanhas bem sucedidas do governo, tais como, a campanha contra o tabaco. Experimentem fumar um cigarro perto de uma criança e ela lhes dirá que o fumo causa câncer e enfisema. Mesmo elas não compreendendo muito bem o que seja enfisema, pelo menos sabem que é uma doença, ao contrário dos fumantes, que parecem ignorar os malefícios provocados pelo fumo.

"Se beber, não dirija". Quem nunca ouviu isso? E "Doe sangue e salve vidas". Ou as campanhas de prevenção do câncer de mama, divulgadas pelo governo federal, através das mídias. E muitas outras: a- motorista, respeite a sinalização; b- todos contra a pedofilia, denuncie; c- seja um doador de órgãos, avise a sua família; d- neste carnaval, use camisinha; e- respeite o sinal vermelho"; f- respeite a faixa de pedestre, etc.

E quantas vezes nos vimos nas mídias campanhas contra a violência doméstica? Sejamos justos, já vimos, pelo menos, uma vez, em todas as décadas de nossas vidas. Mas e nas escolas? Não é de lá que vêm os futuros agressores e vítimas? Não é lá que, depois do meio familiar, os primeiros conceitos e valores sociais e culturais são formados? Nas é nas escolas que se formam cidadãos? Por que, então, campanhas de conscientização não são implementadas naquele meio, já que ele é um meio capaz de exercer uma tremenda influência nas pessoas? Ou será que uma árvore vale mais que uma mulher, para os governos do mundo? E por que o governo federal interrompeu a campanha, antes mesmo de ela começar a gerar resultados? Se o governo federal tratasse a questão da violência contra a mulher da mesma forma que trata a questão ambiental, o Brasil seria um exemplo a ser seguido pelo resto do mundo. Pelos menos no que diz respeito ao combate à violência contra a mulher.

Campanhas públicas nas escolas seriam o primeiro passo, mas campanhas tão bem elaboradas quanto às de meio ambiente, de forma ininterrupta e em todas as séries, até o último ano escolar, mostrando vídeos com mulheres que sofreram agressão e as consequências desta violência.

Além de livros sobre o assunto, que seriam adotados e utilizados pelas escolas.

Nestas campanhas, as crianças deveriam ser conscientizadas e não impostas a acreditar, pois se educa com conscientização e não com imposições.

O segundo passo seria investir em publicidade nas mídias, principalmente na televisão, assim como foi feito nas campanhas de proteção ao meio ambiente. Em poucos anos, a mentalidade da sociedade começaria a mudar. E as futuras gerações não teriam este problema como uma doença crônica e generalizada e, sim, como um problema localizado e circunstancial. Mas, não sejamos ingênuos em pensar que resolveríamos a questão de forma definitiva. Assim como os resultados das campanhas de meio ambiente ainda têm seus problemas, pois a destruição da fauna e flora não acabou, mas diminuiu de forma significativa e apenas no futuro, quando as gerações que foram conscientizadas sobre o problema, é que grandes resultados serão atingidos, haja vista que os adultos, corrompidos pelos antigos conceitos machistas, dificilmente teriam suas atitudes machistas alteradas. Eles já são adultos. Difícil é educar um adulto no sentido de lhe extirpar valores machistas tão profundamente alicerçados. Corrompidos estão e assim ficarão, pelo menos em sua maioria, pois permaneceriam refratários a uma novo modelo justo de tratamento à mulher. Mas as crianças estão suscetíveis em assimilar este novo aprendizado e é para elas que a atenção das campanhas deverá ser voltada.

Hoje em dia, com a TV Escola, o canal de televisão estatal, o governo federal poderia treinar e reciclar os professores no sentido de

que ensinem novos conceitos e valores de convivência entre homens e mulheres.

E isto não sairia caro, pois praticamente toda escola tem uma televisão e uma antena parabólica sintonizadas na TV Escola.

Sabemos que os professores e professoras, no momento, não dispõem de conhecimentos e metodologias para ensinar de forma adequada uma reeducação neste sentido. Necessária se faz, como já dissemos, que a formação e treinamentos começassem com os mestres, pois serão eles que retransmitirão o que for repassado, através da TV Escola, pelo governo federal. No caso o Ministério da Educação e Cultura, MEC. O assunto é tão sério que até um novo ministério mereceria ser criado, o Ministério da Mulher, haja vista a gravidade do problema.

Atualmente, com a nova pedagogia brasileira, adotou-se uma multidisciplinaridade nas salas de aula, isto é, os professores não ensinam mais apenas as matérias convencionais, como matemática, história, português, etc. Hoje as escolas têm, quando podem, laboratórios de informática que introduzem o aluno ao mundo digital.

Novas disciplinas foram adicionadas ao currículo escolar. Hoje, nas salas de aula, se fala sobre sexualidade abertamente. Os mestres e mestras receberam treinamento para falar sobre doenças sexualmente transmissíveis, preservativos, virgindade, gravidezes indesejáveis, relações sexuais e tudo o mais relacionado à sexualidade. E, é claro, o tema meio ambiente, inserido nos currículos em meados dos anos de 1980. A sociedade tem adotado novos conceitos e novas posturas, mas há muitos problemas que ainda não foram tratados

com a devida atenção, como a violência doméstica contra a mulher, por exemplo.

Além de aulas pela televisão estatal, a TV Escola, poderiam mestres e alunos assistirem seminários e palestras, também pela televisão estatal. E repetimos, isso não custaria muito. O governo federal, que gasta fortunas no atendimento hospitalar e ambulatorial das mulheres vítimas desta violência machista, poderia gastar mais um pouco para parar de lutar contra os efeitos e começar a lutar contra as causas desta violência. E direcionar-se a atacar as causas significa implementar novas políticas públicas que combatam a violência contra a mulher.

Um último estágio desse programa viria com as famílias. Os agentes de saúde seriam encarregados de divulgar a campanha do governo federal no seio familiar, após receberem o devido treinamento, é claro. E este treinamento seria barato, pois poderia ser feito pela própria televisão estatal, já que as escolas possuem televisores e antenas parabólicas. Tudo que estes profissionais da saúde deveriam fazer seria dirigirem-se às escolas para fazerem o curso preparatório com aulas presenciais via tv. escola.

Uma vez que eles cumprissem a carga horária necessária, poderiam ir aos seus respectivos bairros de atuação e divulgariam esta ação estatal de combate à tal violência. Mas todos os passos seriam dados simultaneamente, isto é, tudo seria feito e aconteceria na mesma época.

Quanto a esta nova disciplina inserida no currículo escolar, poderia chamar-se "um mundo sem violência doméstica". E como existe também o problema da violência contra as crianças, este assunto extra poderia ser adicionado às aulas.

Ações conjuntas requerem um esforço de todos, governo e sociedade, buscando um mundo melhor para as futuras gerações, de tal forma que homens e mulheres possam conviver como iguais.

F I M

## Bibliografia

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/08/denunci-as-de-violencia-domestica-contramulher-crescem-112-em-2010.html>

<http://www.midianews.com.br/conteudo.php?cid=125839&sid=266>

[http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1975](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1975)

[http://www.pco.org.br/conoticias/ler\\_materia.php?mat=37244](http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=37244)

[http://www.paznolar.org.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=51:o-mapa-da-violencia-domestica-no-brasil](http://www.paznolar.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=51:o-mapa-da-violencia-domestica-no-brasil)

[http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content\\_id=1811411](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1811411)

<http://www.guiadabusca.com.br/colaboradores/60-ricardo-draco/633-culto-ao-penis-falo-na-antiguidade-.html>

[http://www.google.com.br/imgres?q=congresso+nacional&num=10&hl=pt-BR&biw=546&bih=266&tbn=isch&tbnid=Gq4OIAH3b0t7MM:&imgrefurl=http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/17080-congresso-nacional-brasilia.htm&docid=ZriPZXdpbbmAM&imgurl=http://www.baixaki.com.br/imagens/wpapers/BXK19154\\_congresso-\\_nacional-brasilia-df800.jpg&w=1280&h=960&ei=LmmeUISFNKXs0QHf3IG4Bw&zoom=1&iact=rc&dur=361&sig=107642300713761525066&page=5&tbnh=139&tbnw=193&start=21&ndsp=6&ved=1t:429,r:5,s:20,i:214&tx=60&ty=44](http://www.google.com.br/imgres?q=congresso+nacional&num=10&hl=pt-BR&biw=546&bih=266&tbn=isch&tbnid=Gq4OIAH3b0t7MM:&imgrefurl=http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/17080-congresso-nacional-brasilia.htm&docid=ZriPZXdpbbmAM&imgurl=http://www.baixaki.com.br/imagens/wpapers/BXK19154_congresso-_nacional-brasilia-df800.jpg&w=1280&h=960&ei=LmmeUISFNKXs0QHf3IG4Bw&zoom=1&iact=rc&dur=361&sig=107642300713761525066&page=5&tbnh=139&tbnw=193&start=21&ndsp=6&ved=1t:429,r:5,s:20,i:214&tx=60&ty=44)

[http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/pncpr/O\\_que\\_sao\\_PoliticasPublicas.pdf](http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/pncpr/O_que_sao_PoliticasPublicas.pdf)